

Crônica, leitura crítica e investigação: uma proposta de escrita colaborativa a partir do gênero policial

Bruna Bandeira
Nathiely Barbosa Oliveira
Isabella Zaffari

LICENCIATURAS



INTRODUÇÃO

Como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado ao curso de Letras da FAG – Centro Universitário Assis Gurgacz, tive a oportunidade de acompanhar, vivenciar e refletir sobre práticas pedagógicas desenvolvidas em turmas do Ensino Médio da rede pública estadual.

Uma das experiências mais marcantes ocorreu durante o acompanhamento de uma sequência de aulas voltadas à leitura crítica e à produção textual, tendo como eixo a escrita da crônica a partir de uma abordagem investigativa e ficcional.

Diante de uma turma numerosa e desafiadora, composta em grande parte por estudantes com dificuldades de aprendizagem e pouco engajamento nas atividades escolares, a proposta buscou aliar o universo da narrativa policial ao gênero crônica, aproximando os conteúdos escolares da realidade e do repertório dos alunos. A atividade foi cuidadosamente estruturada para explorar estratégias de leitura, ampliar o vocabulário, estimular a inferência de sentido e, sobretudo, promover uma escrita autoral e significativa.

DESENVOLVIMENTO

A proposta didática acompanhada consistiu na simulação de um crime fictício ocorrido em um bairro periférico, envolvendo personagens criados com perfis verossímeis, ilustrados em fichas detalhadas e distribuídas pela sala. Cada ficha continha pistas, contradições e vocabulário específico, intencionalmente composto por palavras e expressões pouco usuais, de modo a instigar os alunos à pesquisa lexical e à construção coletiva de sentido.

Os estudantes foram organizados em trios pedagógicos, compostos por colegas com diferentes níveis de aprendizagem. Cada membro recebeu uma função específica, de acordo com a taxonomia de Bloom: o aluno de nível 1 foi responsável por coletar as pistas e identificar os vocábulos desconhecidos; o de nível 2, por construir uma linha coerente de investigação a partir das informações coletadas; e o de nível 3, por redigir a crônica final, assegurando coesão, estrutura textual adequada e as marcas do gênero.

Figura – Título



Essa estratégia de divisão de tarefas permitiu não apenas a valorização das competências individuais, mas também a promoção da interdependência entre os membros do grupo, favorecendo o engajamento dos estudantes menos participativos e estimulando a troca de saberes. Ao investigar o caso fictício, os alunos ativaram habilidades de leitura inferencial, compreensão crítica e interpretação textual, enquanto a escrita da crônica serviu como instrumento de síntese criativa e expressão autoral.

Além do desenvolvimento linguístico, a proposta também proporcionou uma abordagem sensível e contextualizada das desigualdades sociais e das tensões presentes no cotidiano urbano, temas frequentemente abordados no gênero crônica. A ironia, o humor e a crítica social emergiram de forma espontânea nos textos produzidos, evidenciando o envolvimento dos alunos e o sucesso da proposta em mobilizar habilidades cognitivas, criativas e afetivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência proporcionada por esta atividade, que mesclou elementos de investigação, leitura crítica e produção textual, foi significativa tanto para os estudantes quanto para mim, enquanto bolsista em formação docente. Ao acompanhar de perto o planejamento, a aplicação e os desdobramentos da proposta, pude observar a potência transformadora de metodologias ativas e da escrita criativa no cotidiano escolar, especialmente em turmas desafiadoras.

Apesar das dificuldades de aprendizagem e da baixa participação que inicialmente marcaram a turma, a estruturação dos grupos por níveis de aprendizagem e a proposta lúdica e contextualizada permitiram um alto grau de envolvimento e autoria dos alunos. A divisão de papéis e responsabilidades deu visibilidade às potencialidades individuais, promovendo a autonomia e a corresponsabilidade entre os pares.

Como futura professora, essa experiência reforçou minha convicção de que o ensino da leitura e da escrita precisa estar ancorado em práticas que façam sentido para os estudantes, que dialoguem com suas realidades e que os desafiem intelectualmente. Levar o aluno a “ler o mundo” por meio da linguagem é um processo exigente, mas profundamente transformador — e o PIBID tem sido fundamental para que eu compreenda esse processo não apenas na teoria, mas na prática viva da sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. Muito além da gramática. São Paulo: Parábola, 2003.
- FIORIN, José Luiz. O que é texto. São Paulo: Contexto, 2016.
- BRONCKART, Jean-Paul. Atividade de linguagem, textos e discursos. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- PCNEM. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC/SEF, 2000.